

O FUTEBOL E O FUTSAL COMO INSTRUMENTO DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE ALUNOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

FOOTBALL AND FUTSAL AS A SOCIALIZATION INSTRUMENT BETWEEN STUDENTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Jessika Villalon Sousa Cruz 1

Resumo: O presente estudo demonstra as diferenças entre a prática do futebol/futsal por meninos e meninas ao longo dos anos. O objetivo deste artigo é realizar uma análise acerca do sexismo envolvido no futebol e como o mesmo pode ser um instrumento de socialização de alunos no âmbito escolar. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando-se referências de autores renomados nos estudos científicos acerca da Educação Física e do esporte Futebol, demonstrando que é necessária uma mudança nos conceitos culturais da sociedade brasileira, que discriminam as mulheres esportistas, onde são excluídas da prática do futebol/futsal nas escolas. Assim, pode-se inferir que é de responsabilidade do professor integrar e socializar alunos e alunas em busca do desenvolvimento das capacidades cognitivas e corporais, e do fortalecimento do esporte nas escolas brasileiras, para que aconteça sem exclusões e preconceitos, inculcando nas crianças e jovens, valores e conhecimentos que os acompanharão por toda sua vida.

Palavras-chave: Futebol. Futsal. Socialização. Professor.

Abstract: The present study demonstrates the differences between the practice of soccer/futsal by boys and girls over the years. The objective of this article is to carry out an analysis about the sexism involved in football and how it can be an instrument for the socialization of students in the school environment. A bibliographic research was carried out using references from renowned authors in scientific studies about Physical Education and the sport of Soccer, demonstrating that a change is necessary in the cultural concepts of Brazilian society, which discriminate against women athletes, where they are excluded from the practice of soccer /futsal in schools. Thus, it can be inferred that it is the teacher's responsibility to integrate and socialize students in search of the development of cognitive and bodily abilities, and of the strengthening of sport in Brazilian schools, so that it happens without exclusions and prejudices, instilling in children and young people, values and knowledge that will accompany them throughout their lives.

Keywords: Football. Futsal. Socialization. Teacher.

Doutoranda em Educação na Amazônia (PDEGA/UFPA/UFT). Mestre em Gestão de Políticas Públicas (GESPOL – UFT). Graduada em Pedagogia (Claretiano – 2021), Teatro (UFT - 2019) e Tecnologia em Gestão Pública (IFTO - 2016).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0727682690789665>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0234-1282>.

E-mail: jessikaavillalon@gmail.com

Introdução

Freire (1989) entende que a Educação Física deve ser como qualquer outra disciplina escolar, e atuar dentro do projeto político pedagógico, ajudando a desenvolver as habilidades físicas e motoras, auxiliando também nas capacidades cognitivas afetivas e sociais. De acordo com Faria Jr. (1995) a prática do futebol enquanto equipe pode ajudar os jovens no que diz respeito à tolerância e aceitabilidade das diferenças, propondo vários procedimentos didáticos para integrar meninos e meninas na prática do futsal.

Quando meninos e meninas fazem aulas separadas, como dança para meninas, futebol para meninos, acontece uma divisão que fortalece os estereótipos de gênero, resultando na concepção de sujeitos femininos e masculinos (LIMA ; DINIZ, 2007). Assim, a cultura social segmenta os meninos e meninas criando uma negação pela prática de determinados esportes caracterizados exclusivamente para o sexo feminino e outros para o sexo masculino.

Para Ventura e Hirota (2007) a sociedade ainda discrimina a participação de meninas no futebol e mesmo com o grande número das que o praticam, falta destaque em relação ao futebol profissional, pois há um grande foco no futebol profissional masculino.

Costa e Silva (2002) relatam que para acontecer o desenvolvimento das habilidades afetivas, intelectuais, motoras, sociais e psicológicas, é necessária uma escola que valorize as diferenças e não segmente as atividades em masculinas ou femininas.

Betti (1998), diz que a educação física, enquanto educação mental e corporal deve incluir todos os gêneros para atingir o objetivo que é a educação em sua totalidade, sem distinções.

Assim, é de extrema importância que a educação seja “de corpo inteiro”, não priorizando um gênero específico, mas educando o indivíduo em sua integralidade, respeitando a construção psicológica, biológica e social com o fim de desenvolver seres críticos e formadores de opinião (FREIRE,1989).

Contudo, surge a hipótese frente ao futsal/futebol na escola, e sua função integralizadora, notando a participação das meninas em relação aos meninos e qual seu comportamento frente aos mesmos. O presente estudo tem como objetivo principal identificar as características que fazem a distinção de meninas e meninos quanto à prática do futsal/futebol escolar, e como pode ser um instrumento na socialização das crianças e jovens.

Para alcançar tais objetivos, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, através de artigos e teses publicados, e pela literatura científica publicada nos meios eletrônicos.

A educação física escolar e as questões de gênero

No momento em que as mulheres puderam participar da prática esportiva, apenas as mulheres mais atraentes eram aceitas (DARIDO, 2002, p. 46-47). Assim, cabe aos profissionais de educação física a busca pela atualização constante, sendo contra práticas que desrespeitam a dignidade, trabalhando de forma que o esporte reconheça as diferenças, transformando-as em vantagens, como objeto de integração.

A sociedade marginaliza as atletas que jogam futsal/futebol, pelas mudanças que estas modalidades esportivas trazem ao corpo. De acordo com Alonso (2003), na década de 1970, as mulheres deveriam ter uma formação corpórea de acordo com os pré-requisitos da sociedade, com formas que possibilitassem um bom parto. Ter braços e pernas bem torneados era pouco recomendado, pois tais formas poderiam afastar possíveis pretendentes, que poderiam se assustar com a força da mulher. Portanto, pode-se afirmar que a inserção das mulheres no futsal/futebol, pode ser vista como uma atitude transgressora, enfrentando o universo masculino, em busca da realização de seus desejos e aspirações. Por outro lado, pode se considerar que a inserção feminina esteve intimamente ligada à afirmação da hegemonia da feminilidade, adaptando-se às práticas e valores atrelados a esse esporte (GOELLNER, 2006, p. 2).

No Brasil, a expressão feminina no esporte tem uma relação muito forte com o contexto histórico do papel das mulheres na sociedade, e o seu papel social foi registrado de um ponto de vista masculino, (HEILBORN, 2006, p. 7). Dessa forma, Rubio e Simões (1999) relatam que:

“Ainda que a presença da mulher nas arenas esportivas tenha

servido como referência de liberdade, igualdade e apropriação de seus próprios corpos para outras mulheres, não se pode concluir que esse movimento no esporte tenha contribuído de maneira revolucionária na derrubada de estereótipos de feminilidade” (RUBIO ; SIMÕES, 1999, p. 55).

A partir do ano de 1937, as mulheres ainda necessitavam de reconhecimento pela prática do futebol, pois na concepção de algumas mazelas da sociedade, e elas são vistas pela sociedade como masculinizadas, e o esporte faz com que percam a feminilidade. (JAEGER, 2006, p. 201). Na década de 1940, o futebol feminino não era considerado recomendável, onde a prática poderia comprometer a saúde e a reprodutividade, masculinizando demais os corpos “delicados” (FRANZINI, 2005, p. 322).

No governo de Getúlio Vargas o Decreto Lei nº 3.199, Art. 54 de 14 de Abril de 1941, proibia as mulheres de “realizar atividades esportivas que não condiziam com a sua natureza”, onde tal decreto foi revogado apenas no ano de 1975 (Senado Federal – D.O.U., 1941), ficando as mulheres proibidas de praticarem esportes por quase trinta e cinco anos, por causa de leis consideradas machistas.

Para Nunan (2003, p.59) o preconceito e os estereótipos geram bastante discriminação, se baseando em generalizações. O futebol/futsal feminino necessita de maiores regulamentações, uma vez que a Confederação Brasileira e as Federações ainda não o fizeram, levando em conta que as mulheres têm tido grande importância no momento atual e até mesmo para o futuro do esporte nacional (SANTANA ; REIS 2007).

De acordo com Brandão (1991, p.31) o discurso dos professores é como “o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente”. Existem várias questões que podem ser apontadas como dificuldades para integrar os alunos através do futebol. Fasting (1997) diz que a associação da força física ao sexo masculino tem uma herança cultural e Dowling (2001) ressalta que muitas das questões relacionadas à fragilidade feminina só começaram a ser encaradas no fim do século XX. As escolas reforçam o mito da fragilidade feminina quando selecionam os alunos apenas pelo seu preparo adquirido em outras atividades extraclasse, onde as partidas informais de futebol privilegiam os meninos, e contribuem para que os mesmos sejam predispostos facilitando o trabalho com o sexo masculino, sendo apenas uma escola reprodutora de “pré-conceitos”, selecionando os alunos através dos dogmas culturais. (Bourdieu e Passeron, 1975). Segundo Romero (1990, p.8), “as meninas têm noções e domínios sobre seus corpos, em relação ao tempo, espaço e objetivos”, onde a responsabilidade dos professores é tentar integrar todos os alunos através do futebol/futsal, para que conforme Daolio (1995, p.106), as diferenças não desoportunizem a prática e o desenvolvimento das capacidades motoras dos alunos.

Os treinos mistos podem facilitar a integração dos sexos masculino e feminino, pois conforme Daolio (1995, p.100), dentre os meninos e as meninas existe uma diferença grande entre os mais hábeis e os menos hábeis, onde os professores devem compreender que as diferenças motoras não são determinadas através da genética, onde tais diferenças são construídas apenas culturalmente, podendo ser superadas.

As escolas devem estimular a igualdade entre homens e mulheres, de acordo com o pensamento de Louro (1997) que ressalta a necessidade de sempre desconfiar do que parece natural, onde a escola pode reproduzir o conceito errôneo do que a cultura social impõe o que é destinado aos homens e às mulheres, e sobre o poder maior de um sexo em relação ao outro.

Fernandez (1994), nos diz que tais considerações não estão explícitas no currículo escolar, sendo difundidas por conceitos arraigados conforme cada vivência de cada profissional, onde para Bourdieu (1983, p.89), as mulheres enfrentam um campo novo de atuação dominados pelos homens, que acreditam que o campo é um lugar de expressão da masculinidade.

Isso demonstra que ainda há muito o que se fazer para que as vivências e técnicas que podem ser desenvolvidas através do futebol e integrem meninos e meninas. Daolio (2003) considera que a prática da Educação Física em geral deve atingir todos os alunos, sem discriminação de sexo, cor, peso, altura, onde tal pluralidade infere-se da reavaliação das aulas ministradas, onde todos

os alunos devem explorar suas capacidades físicas e motoras, descobrindo seus próprios corpos, criando novas formas de expressão corporal.

O esporte apenas como competição não se mostra saudável, pois é voltado apenas para o treino e o rendimento. As crianças e jovens devem ter uma relação intrínseca com o esporte, desenvolvendo afeto e prazer em suas práticas (VOSER, 2004, p. 22 *apud* KUNZ, 1994). De acordo com Gardner (1999) a transmissão de valores culturais tem sido um dos objetivos principais da educação, onde o futebol/futsal pode ser um fator de integração cultural.

Na escola, as aulas não devem ser feitas apenas com o objetivo de se ensinar a técnica, mas de demonstrar aspectos que são importantes para o desenvolvimento das habilidades das crianças e jovens, e nas aulas, o ensinamento do futsal deve ser capaz de trabalhar diversos aspectos que serão de extrema importância para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, podendo desenvolver habilidades físicas, motoras, cognitivas, psicológicas, sociais.

O futebol/futsal através de suas atividades de jogo, movimento e confraternização contribuem para a educação, tendo funções claramente pedagógicas, auxiliando o desenvolvimento equilibrado dos seres humanos (VARGAS NETO, 1995, p.10 *apud* BASEGGIO, 2011). Os estímulos recebidos pelas crianças vêm através do meio que estão inseridas. A ludicidade e a forma performática na escola propiciam maiores vivências dos estímulos corporais.

O movimento através da Educação Física estimula os aspectos psicomotores e cognitivos nas crianças de forma direta, onde são estimulados através das práticas desportivas, facilitando a expressão e a demonstração da criatividade (PASSARO, 2005, p.16).

O professor de futebol/futsal deve respeitar os limites de cada aluno, considerando que cada um é um sujeito em desenvolvimento. Cada professor deve utilizar o esporte como forma de discussão e reflexão no processo de formação dos alunos, auxiliando o desenvolvimento, e servindo de referência e orientação (GUIMARÃES et al, 2001, p.6).

O futebol/futsal promove diferentes benefícios para cada aluno, trazendo vários impactos positivos, na vida, tornando-a saudável e integrando o desenvolvimento entre o corpo e mente. (SERAFIM, 2008, p.4). Para Sousa e Altmann (1999), a escola é fator de construção cultural, podendo estar aberta à ressignificação das propostas pedagógicas, em busca das mudanças dos valores. De acordo com Daolio (2003), os valores culturais e as diferenças entre homens e mulheres estão tão presos no cotidiano que não são suficientes para uma mudança da realidade social.

Assim, para Oliveira (1996), o professor de Educação Física é o principal fator de mudança, trazendo à tona as diversas questões a serem debatidas nas aulas, pois sua postura e opinião serão totalmente necessários para a formação dos alunos, proporcionando diversas formas de vivências corporais, para que aprendam a lidar com as diferenças, solucionando-as de maneira democrática, em busca da socialização e crescimento de alunos e alunas.

Considerações Finais

Este estudo demonstrou como a sociedade faz uma construção do corpo feminino, e para a sociedade este corpo é considerado frágil, embora meninos e meninas recebam os mesmos tipos de estímulos sociais. No Brasil, o futebol não é parte da realidade feminina, se diferenciando da masculina, não por fatores biológicos, mas por fatores culturais.

Os fatores biológicos não podem afastar o sexo feminino do futebol, apesar das diferenças entre os sexos. Os alunos, ao ingressarem nas escolas já têm valores oriundos de seus grupos sociais, e cabe aos professores a socialização das crianças e adolescentes através das atividades esportivas, sendo, em algumas ocasiões uma difícil tarefa para os docentes. Através do futebol, o professor pode relatar os preconceitos da sociedade contra a participação das mulheres neste esporte e integrar os alunos.

Assim, as aulas de Educação Física que abordam a prática do futsal/futebol não são destinadas apenas na formação de jogadoras, mas na difusão da ideia de que esta prática esportiva é para todos os alunos, sem distinção. Deve-se levar em consideração que entre os professores também existem preconceitos, e visões sexistas nos esportes, sendo divididos em esportes masculinos e femininos. Além disso, alguns professores segmentam as meninas pensando nas características físicas, demonstrando que ainda acreditam na fragilidade feminina, reproduzindo os conceitos machistas de outrora.

A instituição da igualdade entre gêneros é de extrema importância para que as limitações sejam superadas, pois se o futebol/futsal continuar reproduzindo apenas a perpetuação da masculinidade na cultura do esporte, a prática feminina não crescerá.

O profissional de Educação Física deve facilitar a participação dos alunos e alunas nas aulas, com o objetivo principal de difundir o esporte, através do bom relacionamento, e aproveitando o interesse das meninas, integrando-as nas atividades propostas.

Algumas possibilidades para melhorar a integração entre alunos e alunas são, a busca de alternativas para que as meninas possam jogar futebol/futsal como os meninos; trabalhar juntamente com a família e a comunidade visando acabar com os preconceitos; repensar as concepções do corpo feminino como frágil e maternal.

Assim, as crianças socializando-se através da prática do futebol/futsal podem ter melhoras em outras áreas, pois através da Educação Física adquirem responsabilidades, nas formas de cooperação, nas atividades e trabalhos em equipe, no respeito, na socialização, aprendendo valores que serão úteis por toda a vida.

Referências

ALONSO, Luiza Klein. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. 1. ed. Barueri: Manole, 2003. 2. c. p. 35-48.

BASEGGIO, T.S. Oficinas sócio-educativas de futsal como ações complementares no processo educacional. **Ebookbrowse**, 2011.

BETTI, M.. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P., & Passeron, J. C. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRACHT, V. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p.23-28, 1996.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CARDOSO, F. O gênero e o movimento humano. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, V.15, n.3, p. 265-8, 1994.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. da. A Educação Física e a co-educação: Igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.

DAOLIO, J. **A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”**. In: Corpo, Mulher e Sociedade. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, dez. 2002.

DOWLING, C. **O mito da fragilidade feminina**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2001.

FARIA JR, A. G. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Revista de Campo**, São Paulo, v. 2, n. 12, p. 17-39, dez. 1995.

FASTING, K. **Desenvolvimento do gênero como perspectiva cultural: implicações para a Psicologia do Esporte**. In: Mulheres em movimento. Vitória: EDUFES, 1997.

FERNÁNDEZ, A. **A Mulher Escondida na Professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem**; trad.: Neusa Kern Hichel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FRANZINI, Fábio. Futebol é coisa para macho? – pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, dez. 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 4ª ed. Campinas: Scipione, 1989.

GARDNER, H. **O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na pátria das chuteiras as mulheres não têm vez. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 1-6, set. 2006.

GUIMARÃES, A.A. et al. **Educação Física Escolar: Atitudes e valores**. Motriz Jan-Jun 2001, Vol. 7, n.1, pp. 17-22.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n.01, p. 43-59, abr. 2006.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, mulheres e esporte. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p-199-210, abr. 2006.

LIMA, F. M.; DINIZ, N. F. **Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física**. Currículo sem Fronteiras, Paraná, v. 7, n. 1, p. 243-252, jan. - jun. 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003. p. 49-60.

OLIVEIRA, G. **As aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? uma análise comparativa de aspectos motores e sociais**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PASSARO, E.S. **Desenvolvimento das capacidades coordenativas como base do aprendizado da técnica em iniciantes em futsal**. [Monografia]. Batatais, 2005.

ROMERO, E. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). USP, São Paulo, 1990.

RUBIO, Kátia e SIMÕES, Antônio Carlos. De protagonista a espectadoras: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. 1. ed. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56. dez. 1999.

SANTANA, Wilton Carlos e REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p. 45-50, out. /dez. 2003.

SENADO FEDERAL (BRASIL). Decreto Lei nº 3.199, artigo 54 de 14 de abril de 1941. **Dispõe sobre informações que estabelecem as bases de organização dos desportos em todo o país.** Rio de Janeiro, abr. 1941. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SERAFIM, P.A. et al. **Educação Física e psicomotricidade: uma relação fundamental no desenvolvimento humano.** Laboratório de Atividades Lúdico-Recreativas (LAR) da UNESP/Presidente Prudente, 2008.

SOUSA, E.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 48, 1999.

VENTURA, T. S.; HIROTA, V. B.. Futebol e salto alto: por que não? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 03, 2007.

VOSER, R.C. **Iniciação ao futsal. Abordagem recreativa.** 3ª ed. Canoas: ULBRA, 2004. p. 11-2.

Recebido em 03 de janeiro de 2020.

Aceito em 22 de setembro de 2021.